



MATERIAL_
IDADES
TRANS_
NACIONAIS

T
R
A
N
S
M
A
T

**Encontro
internacional
TRANSMAT – IN2PAST**

**Documentar
Coleções
Não-Europeias**

**Museu Nacional de Etnologia
22 e 23 junho 2023**



ENCONTRO INTERNACIONAL TRANSMAT-IN2PAST: Documentar coleções não europeias

Museu Nacional de Etnologia

22 DE JUNHO DE 2023

09.00h Abertura

Paulo Costa (DGPC-Museu Nacional de Etnologia)

António Candeias (UE-IN2PAST)

Maria de Fátima Nunes (IHC-HCTA| UE-TRANSMAT)

António Carvalho (DGPC-Museu Nacional de Arqueologia)

Maria Manuela Gonçalves Silva (Museu Municipal Santos Rocha)

Elisabete Pereira (IHC-HCTA| UE-TRANSMAT)

09.45h Biografia dos objetos e histórias de trânsitos múltiplos.

Keynote Speaker Nélia Dias (ISCTE-IUL| IN2PAST)

Moderação: Elisabete Pereira (IHC-HCTA|UE-TRANSMAT)

As questões da proveniência e da documentação das coleções não-europeias têm estado no centro dos debates e das práticas nas esferas da academia e dos museus. Contudo, a tónica tem sido essencialmente colocada nos trânsitos coloniais, relegando para segundo plano – a nível expositivo e discursivo – as histórias de trânsitos múltiplos subjacentes a estas coleções. Neste sentido, esta apresentação procura revisitar os contributos da abordagem em termos de biografia dos objetos e as suas potencialidades com vista a sublinhar as complexidades das práticas de recolha, de circulação, de coleção e de exposição. A análise das alterações do significado dos objetos, das várias narrativas em torno destes e das funções que os objetos tiveram e continuam a ter, pode contribuir para complexificar a conceção segundo a qual as práticas culturais seriam imutáveis e que apenas se teriam modificado com a colonização. A abordagem em termos de biografia dos objetos permite também tomar em conta os fabricantes/produtores dos objetos conservados nas coleções europeias bem como as populações contemporâneas dos países em que os objetos foram confiscados, enfatizando assim a complementaridade das perspetivas antropológicas e históricas. Por último, os processos de devolução e/ou o retorno de coleções não-europeias vêm acrescentar outras camadas de significados, atestando assim a continuidade da vida cultural dos objetos.

10.30h Debate

10.45h Pausa para café ☕

11.00h Contextos e perspetivas de investigação do projeto TRANSMAT.

Elisabete Pereira e Maria de Fátima Nunes (TRANSMAT)

O projeto TRANSMAT tem como objetivo geral o conhecimento global da história das coleções, nos seus processos de formação, nos seus itinerários e múltiplos atores envolvidos, com as suas aspirações culturais, académicas ou estéticas. O foco tem sido colocado nas importantes, e em parte desconhecidas, coleções transnacionais do Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa) e do Museu Municipal Santos Rocha (Figueira da Foz). Embora diferindo no seu âmbito, um museu nacional e um museu regional, estas instituições partilham o facto de preservarem nos seus acervos coleções arqueológicas, etnográficas/antropológicas de diversas proveniências – que exibem atualmente ou exibiram no passado – com o objetivo de educar e instruir sobre outros tempos históricos ou diferentes contextos humanos e geográficos. Num momento em que se confrontam internacionalmente as perspetivas de ‘descolonização dos museus’ versus museus com coleções de carácter universalista (‘universal museum’), é necessário documentar o património transnacional dos museus para entender, em primeiro lugar, a história das instituições, e também em que medida os seus objetos estão ou não associados a equilíbrios assimétricos de poderes, seja de natureza económica, política ou epistémica. Nesta comunicação abordaremos a estratégia e metodologia deste projeto de investigação e da sua equipa de investigadores.

11.20h Itinerários da coleção etnográfica do Museu Nacional de Arqueologia: entre Brasil, Angola, Cabo verde, Timor, Índia.

Liliana Caldeira (IHC-UE/IN2PAST, Bolseira FCT, TRANSMAT)

A presente comunicação aborda uma investigação referente a três casos de estudo – uma Panela da tribo brasileira Kaingang, uma Máscara africana da região dos Dembos e uma coleção doada por Alberto Osório de Castro – inseridos na coleção Etnográfica do Museu Nacional de Arqueologia. A “Pesquisa de Proveniência” e a reconstituição dos itinerários percorridos pelos artefactos (desde a sua génese até à incorporação no MNA) foram os principais objetivos do presente estudo, tendo como ponto de partida os intervenientes envolvidos (doadores/compradores), bem como uma tentativa de dar resposta a questões fundamentais: qual o significado do objeto? Qual a sua proveniência? Quem recolheu o objeto? Qual o contexto de aquisição? Por que foi doado/oferecido/adquirido por José Leite de Vasconcelos (fundador e primeiro diretor do MNA)? Por conseguinte e tal como é exemplificado no título, existem quatro continentes envolvidos e uma complexa rede de contactos, espelhando a multiculturalidade intrinsecamente ligada em cada objeto (produzido, recolhido e integrado em diversos âmbitos, por diferentes sociedades). Um estudo que relevou a aquisição/recolha/doação de cada objeto por distintos atores, pertencentes a contextos com características especificadas – um interveniente da classe educativo-cultural, outro da malha militar e finalizando com um jurista – admitindo ainda os mediadores intermédios, permitindo concluir a vasta cooperação e heterogeneidade de pessoas envolvidas no processo da constituição da coleção etnográfica.

11.40h **De ETNO 2022.9.1 a panela dos Kaingang. Um caso de inventário participativo num Museu Nacional?**

António Carvalho e Patrícia Batista (DGPC-Museu Nacional de Arqueologia, TRANSMAT)

Numa altura em que a temática da restituição de bens culturais aos seus países de origem está na ordem do dia, propomos uma metodologia de trabalho, sempre que possível, de diálogo crítico com o passado e envolvendo todas as partes (inventário participativo).

O caso de estudo a apresentar permite-nos refletir sobre a problemática do inventário para o conhecimento e os discursos que transmite (e perpetua) sobre os objetos das coleções de Museus, que tal como o Museu Nacional de Arqueologia (MNA) têm uma longa história enquanto instituição museológica. A partir daquilo que designamos de uma ficha de inventário “clássica” do MNA, surge a oportunidade de fazer inventário de forma participativa, com os descendentes da comunidade que produziu o objeto e, assim incorporar no nosso inventário o seu conhecimento ancestral (não europeísta), contribuindo para a ressignificação destas coleções na atualidade.

12.00h **Angola e Timor nas coleções do Museu Municipal Santos Rocha: os legados de João dos Santos Pereira Jardim, um militar, e António de Oliveira e Silva Júnior, um negociante”.**

Maria Figueira (IHC-UE/IN2PAST, Bolseira FCT, TRANSMAT)

Como chegaram os objetos transnacionais ao Museu Municipal Santos Rocha na Figueira da Foz? Quem os recolheu e como? Com que objetivo foram deslocados dos seus lugares de origem? No sentido de responder a estas questões, apresentamos alguns dos resultados do projeto TRANSMAT no contexto de trabalho do Museu Municipal Santos Rocha. Inaugurado em 1894 na Figueira da Foz, este museu vem responder a uma necessidade de preservar a coleção crescente de objetos arqueológicos que António dos Santos Rocha recolhia em várias estações pela região. É neste contexto, refletindo os princípios e pressupostos da altura de uma ciência da comparação, que o fundador Santos Rocha, se interessa em incluir objetos etnográficos na sua coleção. O Museu que a certa altura se identifica como archeologico e ethnographico recebeu objetos de todos os cantos do mundo para a coleção que em 1897 contava já com 1084 objetos e que, com os esforços deste conservador, continuou a aumentar até à sua morte em 1910. Ancorado nos laços de relações da Sociedade Archeologica que também fundou e nas suas várias esferas de ação, Santos Rocha contacta com uma série de atores que oferecem estes objetos ao seu museu. João dos Santos Pereira Jardim, um militar que faz serviço em Timor e Angola e António de Oliveira e Silva Júnior, um comerciante figueirense residente em Luanda, são dois dos atores invisíveis neste processo, recolhendo cerca de 450 objetos e contribuindo com várias observações etnográficas para o projeto científico de Santos Rocha na Figueira da Foz.

12.20h **Histórias e contextos de proveniência dos objetos da coleção do Brasil.**

Ana Paula Cardoso (Museu Municipal Santos Rocha, TRANSMAT)

Uma abordagem dos objetos etnográficos provenientes do Brasil existentes na coleção do MMSR no período de 1893 a 1971. Procurar conhecer as realidades distintas de incorporação dos objetos e o caminho que percorreram. Mas também distinguir os intervenientes e conhecer melhor a relação entre a Figueira da Foz e o Brasil, associados a momentos históricos de recolha distintos e a diferentes contextos sociopolíticos e diferentes temporalidades da história entre Portugal, a Figueira da Foz e o Brasil.

12.40h **Debate**

13.00h **Almoço** 🍴

PAINEL 2 | Moderação: Cristiana Bastos (ICS-ULisboa)

14.30h **Para além da digitalização: utopia, adquiridos e desafios na documentação das coleções do MNE.**

Paulo Costa (DGPC-Museu Nacional de Etnologia.)

A comunicação reflete, por um lado, sobre os princípios e as metodologias privilegiadas pelo Museu Nacional de Etnologia para a constituição das suas coleções, no âmbito de pesquisas de terreno, e, por outro, sobre as principais frentes de trabalho desenvolvidas nas áreas da documentação, preservação digital e promoção do acesso ao acervo do Museu globalmente considerado, incluindo os seus diversos fundos de arquivo, tendo como objetivo crucial o aprofundamento e partilha pública do conhecimento sobre esse acervo e as diversas culturas que o mesmo documenta.

14.50h **As coleções científicas coloniais do MUHNAC. Critérios para a identificação de coleções sensíveis - casos práticos.**

Ana Godinho, Catarina Mateus e Catarina Simões (MUHNAC-UL)

As coleções do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) foram, maioritariamente, constituídas ao longo das várias missões científicas organizadas às antigas colónias portuguesas de África e da Ásia, onde foram recolhidos objetos e coletados espécimes naturais, documentando o processo de trabalho em filmes, fotografias e relatórios. Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre o património colonial do IICT, integrado desde 2015 no Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), à luz dos debates contemporâneos sobre os diversos legados dos colonialismos, apresentando o trabalho que a sua equipa tem desenvolvido nos últimos anos no que respeita ao tratamento, identificação e estudo de proveniências das suas coleções histórica e culturalmente sensíveis. Por outro lado, procuraremos também salientar a importância de se alargar o âmbito do uso das coleções museológicas pela sociedade, bem como de se promover um trabalho colaborativo e inclusivo com as comunidades de origem destas coleções, reconhecendo também os desafios inerentes a este processo.

15.10h

As coleções históricas do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra como fonte de conhecimento científico na atualidade.

Paulo Trincão, Cristina Rufino e Carla Coimbra (Museu da Ciência da Universidade de Coimbra)

O Museu da Ciência da Universidade de Coimbra possui um enorme conjunto de coleções históricas resultantes dos seus 250 anos de atividade.

A coleção de Antropologia do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, constituída por cerca de 12 mil objetos, tem como núcleo inicial várias centenas de artefactos recolhidos por Alexandre Rodrigues Ferreira, na sua Viagem Philosophica à Amazónia (1783-1792). Já nos séculos XIX e XX, registou-se um forte incremento de incorporações museológicas, testemunho dum património cultural relativo à relação e influência que Portugal mantinha com outros territórios: Brasil, Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné, Macau, Timor e Goa.

A coleção de Zoologia está estimada em 500 mil espécimes com a mesma origem que os objetos de Antropologia e, nos últimos 2 anos, tal como as outras coleções do museu, tem sido solicitada para estudos das mais variadas áreas científicas, como história da ciência, estudos biogeográficos, estudos taxonómicos, estudos genéticos e de conservação e restauro.

Ambas as coleções foram consultadas por mais de 50 investigadores nos últimos anos, sendo que a maioria se reporta às coleções extraeuropeias (África, América do Sul e Ásia). Esta constatação realça a importância deste património cultural como fonte de conhecimento e do seu inestimável valor que representa para os trabalhos científicos que se fazem utilizando técnicas cada vez mais sofisticadas que podem revelar mais informação guardada em espécimes e/ou objetos centenários.

15.30h

Reconstituir coleções para perceber a dinâmica do museu. O caso do antigo Museu de Antropologia da U.Porto.

Rita Gaspar (Museu de História Natural da Universidade do Porto)

O Museu de História Natural e Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP), Portugal, alberga coleções de *naturalia* e *culturalia*, reunidas ao longo dos últimos 160 anos em Portugal e no estrangeiro. Essas coleções foram constituídas numa instituição produtora de conhecimento - a universidade -, tendo-se alterado o contexto de produção científica ao longo do tempo. Hoje, a coexistência de diversas perspetivas sobre os objetos e as coleções de um museu é considerada como fundamental, em oposição ao ponto de vista europeu predominante. Nos últimos anos ocorreu uma profunda reestruturação das secções de Arqueologia, Etnografia e Antropologia Biológica, no que diz respeito à organização do acervo e validação de dados científicos, seguindo padrões atuais e potenciando um acesso facilitado aos objetos. Adicionalmente, a utilização de um novo *software* de base de dados, com vários níveis de informação e possibilidade de pesquisa cruzada de dados nas várias áreas científicas no MHNC-UP (arqueologia, etnografia, zoologia e botânica) permite uma melhor recuperação do histórico dos processos que envolvem objetos e indivíduos. A revisão da base de dados visa reforçar a ligação entre o objeto e os seus dados, incorporando sempre que possível a proveniência e pesquisas e interpretações

anteriores, numa tentativa de reconstrução da biografia do objeto. No entanto, a dissociação entre objetos e dados é um grande problema numa instituição que passou por um evento catastrófico (incêndio) e a separação física de objetos e arquivo da instituição. Esta documentação da história do acervo é ainda mais desafiadora quando estamos diante de diferentes formas de aquisição como missões científicas, coleções particulares ou transferência de outras instituições.

15.50h **Coleções coloniais: alteridades cativas?**

Manuela Cantinho (Sociedade de Geografia de Lisboa)

As coleções etnográficas extraeuropeias são ainda mal conhecidas dos investigadores, dos alunos de antropologia e do público em geral.

Mantêm-se cativas da sua própria alteridade? Que futuro para estas coleções? Que futuro para estes museus? É uma pergunta recorrente. As respostas não são fáceis, sobretudo num momento em que a legitimidade da sua permanência em museus europeus é posta em causa, sobretudo se tivermos presente que durante décadas o interesse pelo estudo desses acervos foi muito reduzido ou quase inexistente. Tal afastamento dificulta uma análise desapaixonada de qual poderá ser o papel que o conhecimento científico sobre estas coleções poderá vir a trazer. Afinal o que será mais importante e prioritário? O conhecimento que se possui ou não sobre este património ou quem deve desde já tutelar esse património? Sem conhecer os contextos de recolha e a diversidade de critérios dessas recolhas ao longo do tempo, desconhecem-se os diferentes modos de imaginar e idealizar as sociedades extraeuropeias e a sua cultura material. Desconhecem-se quais os pressupostos políticos, económicos, culturais e científicos que permitiram e incentivaram a constituição desses acervos.

Evidencia-se a ideia de que os objetos etnográficos e as instituições que os conservam, transmitem e expõem são primeiro que tudo “objetos históricos”, sujeitos à análise e crítica histórica.

16.10h **Debate**

16.30h **Pausa para café** 

16.50h Proveniências coloniais. Práticas de documentação e gestão de coleções zoológicas, 1870-1930.

Catarina Madruga (Museum für Naturkunde Berlin / Deutsches Zentrum Kulturgutverluste)

Uma análise histórica das práticas burocráticas da organização de coleções permite contextualizar as justificações para a aquisição e obtenção de objetos, questionar o vocabulário da “doação,” e salientar a relação entre os excessos da acumulação de coleções de grande escala e as estruturas capitalistas e extrativistas da lógica colonial. Nesta apresentação discutem-se os resultados do projeto “Proveniências Coloniais da Natureza,” a decorrer no centro Humanities of Nature do Museu de História Natural de Berlim, uma investigação situada na interseção dos estudos de proveniência colonial, a cooperação com várias comunidades de interesse, e a história do conhecimento baseado na mobilização, deslocação, e gestão de coleções zoológicas. Especificamente, será apresentado um estudo de caso desta investigação, organizada em equipa e em cooperação, centrado na documentação das coleções de mamíferos incorporadas no museu zoológico de Berlim e oriundas do espaço político-geográfico dos Camarões antes, durante, e depois do período de ocupação alemã.

17.10h Museus espanhóis e coleções estatais do período colonial. Uma análise das coleções ultramarinas desde o século XXI.

Ariadna Ruiz (Univ. Málaga, Espanha)

Tal como noutros países europeus, no último terço do século XVIII, foram criados em Espanha gabinetes de coleções científicas, etnológicas e antropológicas. Os objetos eram recolhidos por colecionadores privados que procuravam constituir gabinetes de curiosidades tão completos quanto possível, razão pela qual a maior parte dos objetos chegava a Espanha através das missões espanholas provenientes das suas colónias ultramarinas, tanto na Ásia como no continente americano.

Gradualmente, estes gabinetes foram incorporados nas coleções nacionais e estatais. É o caso do gabinete de Pedro Franco Dávila, um cientista equatoriano que acabou por trabalhar para a coroa espanhola e cuja coleção seria o princípio fundador do Real Gabinete de História Natural de Espanha, hoje Museu Nacional de Ciências Naturais, que depende do Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC).

Da mesma forma, as peças antropológicas e etnológicas do Gabinete de Pedro Franco foram transferidas deste museu, dedicado à ciência, para novos tipos de museus que começavam a ser concebidos devido às novas necessidades temáticas que não estavam a ser satisfeitas. Seria o caso de três museus de carácter nacional: o Museu de Arqueologia, o Museu de Etnologia, que foi rebatizado de Museu de Antropologia, e o Museu da América. Durante este percurso, vamos olhar para estas instituições museológicas e para as coleções ultramarinas que as compõem, bem como para a leitura e o trabalho nelas desenvolvido, na perspetiva da museologia contemporânea do século XXI, sujeita à análise e ao repensar das leituras coloniais.

17.30h **MUSSUNGO BITOTO - Arte Funerária Mbali No Sul de Angola.**

Carlos Major (Museu do Namibe, Angola)

A pesquisa que desenvolvo, desde setembro de 2014: os Mbali, força de trabalho, constituída por povos escravizados trazidos para o Namibe de várias partes do mundo, para os espaços geridos pelos colonizadores brasileiros vindos de Pernambuco, Brasil, para fundarem a região a sul de Angola, em 1849. Neste processo de aculturação, a absorção de outras culturas através das relações inter-humanas de trabalho, sociais, culturais, etc., é ainda hoje, visível entre as línguas: brasileiro, português, umbundu, kimbundu, cristianismo, fiote, Kuanhama, do centro e do norte de África, que assistimos nos cânticos da cerimoniosa festa da Cruzeta: fenómeno político e social dos escravizados mascara a dualidade religiosa e perpetua o sincronismo religioso. Por isso, os Mbali não são um grupo étnico, mas manifestação de atitude política-sócio-cultural. Inicialmente a costa era denominada BITOTO, e correspondia às fozes dos rios nas baías: para os autóctones os Hereros ÓTCHITÓTÓ MUXÚNGU e registada nos textos escritos por Alexandrino da Cunha, 1839, MUSSUNGO BITOTO. Os colonos brasileiros trouxeram outros povos primeiro na condição de escravos e depois liberta e livre na Abolição da Escravatura. Introduzidos noutros serviços: construção civil, linha férrea, carpintaria, cantaria, em contacto com instrumentos de trabalho, adaptam-se e aplicam-se aos conceitos estéticos racionais. Essa liberdade e criatividade é visível nos 84 cemitérios visitados e fotografados pelo português Carlos Lopes Cardoso em 1960, e sucessivamente o registo fotográfico discreto brasileiro Gilberto Freyre, mostra o que tinha sido o ente querido. Única, com carácter assaz híbrido.

17.50h **Debate**

Visita às reservas do Museu de Etnologia

18.10h **Encerramento**

PAINEL 4 | Moderação: Quintino Lopes (IHC-UE/IN2PAST, TRANSMAT)

09.30h **Abertura**

09.40h **O legado de viagens filosóficas setecentistas na Academia das Ciências de Lisboa.**

José Luís Cardoso (ICS-ULisboa e Academia das Ciências de Lisboa)

Nesta comunicação farei apresentação sumária dos núcleos museológicos não-europeus da Academia das Ciências de Lisboa, designadamente das recolhas etnográficas e de história natural provenientes da Amazônia, do sul do Brasil e do Havai. Abordarei dois temas que se cruzam e conectam: por um lado, o significado histórico das viagens filosóficas setecentistas que estiveram na origem da formação dessas coleções e que envolveram cientistas ilustrados e colaboradores destacados da Academia, como foram Alexandre Rodrigues Ferreira, José Mariano da Conceição Veloso e José Correia da Serra. Por outro lado, os cuidados de preservação e valorização de memórias e identidades que os objetos museológicos fazem circular e permitem conhecer.

10.00h **Objetos de conversão e conversão de objetos: coleções missionárias de Angola no Museu Nacional das Culturas do Mundo (Países Baixos).**

Ana Rita Amaral (Universidade de Utrecht, Países Baixos)

Partindo da noção de conversão como lente analítica para problematizar as práticas de recolha, circulação e musealização de objetos culturais no âmbito da missionação cristã, discutirei nesta apresentação alguns resultados da investigação que tenho em curso sobre as coleções associadas à atividade missionária durante o período colonial na região da África Central Ocidental, sobretudo a atual Angola, que hoje se encontram no Museu Nacional das Culturas do Mundo, nos Países Baixos. Irei explorar a relação entre os objetos de conversão enquanto índices histórico-materiais da presença missionária e da vivência da conversão, e a conversão de objetos, isto é, o seu carácter múltiplo e transformativo, a sua diversidade e capacidade de se converterem em outras coisas, nomeadamente objetos artísticos e/ou etnográficos. Refletindo a história recente do cristianismo na região, a minha investigação centra-se na Congregação do Espírito Santo, pelo que darei particular atenção à presença dos espiritanos holandeses em Angola e às coleções que estes reuniram a partir da Segunda Guerra Mundial. Alguns missionários-colecionadores continuaram a trabalhar em Angola durante a guerra de libertação e depois da independência em 1975. O que levou os espiritanos holandeses a reunir artefactos culturais angolanos e a trazê-los para os Países Baixos neste período? Podem estas coleções dizer-nos algo sobre as populações africanas cristianizadas que viviam então as tensões de um império em colapso? Para além de permitir abordar o lugar da religião nos debates sobre o património colonial nos museus, este caso contribui para discutir um período que, contrariamente à viragem do século XIX para o século XX, tem sido insuficientemente discutido nos estudos sobre coleções e museus.

10.20h **Etnogeografias em prata e sal: o papel da fotografia na museografia do século XIX. O caso do Museu Municipal Santos Rocha.**

Carlos Batista (Museu Municipal Santos Rocha, TRANSMAT)

“What are photographs ‘doing’ in museums?” Partindo desta pergunta levantada por Elizabeth Edwards e Ella Ravillious, explora-se nesta comunicação a posição da imagem fotográfica nos fundos documentais em museus e o seu contributo na museografia e no estudo do Homem no séc. XIX. A fotografia aparece na primeira metade do séc. XIX, no momento preciso em que a disciplina da Etnografia está em profundo desenvolvimento. A sua essência “objetiva” foi bem aceite pela comunidade científica e a Antropologia adota-a como ferramenta para *“um olhar o outro”* (Le Fur, Yves, 2006). Tendo como alvo de estudo a coleção de albuminas da família Moraes pertencentes ao Museu Municipal Santos Rocha, procura-se compreender a relação da ciência fotográfica na descrição dos povos e na documentação de coleções não europeias.

EDWARDS, Elizabeth, Ravillious, Ella. *Museum Cultures of photography: An introduction*, 2022, pág. 1, 30. UCL Press.
LE FUR, Yves. *D’un regard l’autre, photographies XIX siècle*, 2006, pág. 145, 146, Actes sud. Musée du quai Branly.

10.40h **Debate**

11.00h **Pausa para café** ☕

Painel 5 | Moderação: Joana d’Oliva Monteiro (IHA-NOVA FCSH/IN2PAST, TRANSMAT)

11.20h **Explorando salas de comparação em museus de arqueologia. O caso do Museu Municipal da Figueira da Foz em finais de oitocentos.**

Ana Margarida Ferreira (Museu Municipal Santos Rocha, TRANSMAT),

Raquel Vilaça (Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAACP-FCT),

Elisabete Pereira (IHC-UE / IN2PAST, TRANSMAT)

Na sequência do desenvolvimento de perspetivas evolucionistas, o método comparativo utilizado no século XIX e inícios do século XX colocava os humanos numa escala de desenvolvimento que avaliava o progresso social e material/tecnológico. Assim, sobretudo a partir de 1850, os registos fragmentários da pré-história europeia apoiavam-se também em objetos etnográficos, bem como nos relatos de viajantes e etnógrafos que existiam desde séculos anteriores. Os museus passaram a exibir testemunhos de sociedades antigas em comparação com objetos contemporâneos das populações consideradas «selvagens». Algumas instituições museológicas portuguesas seguem os modelos teóricos e museológicos de museus, como por exemplo o Musée de Saint-Germain-en-Laye (Musée d’Archeologie National, França), o Musée Cantonal d’Archeologie et d’Histoire de Lausanne (Suíça), o Pitt Rivers Museum (Inglaterra), o Museo di Antropologia e Etnologia (Florença) ou o Museo Nazionale Preistorico Etnografico, criado por Luigi Pigorini em Roma. Nesta comunicação analisamos a existência de coleções comparativas nos museus portugueses, tendo como base os museus existentes em Portugal na transição do século XIX para o XX e aprofundando o caso do Museu Municipal da Figueira da Foz.

11.40h

Coleções privadas de arte africana: três acervos de artistas portugueses contemporâneos.

Jorge Croce Rivera (CHAIA I UE-IN2PAST, TRANSMAT)

A comunicação considera três coleções de arte africana reunidas por artistas portugueses contemporâneos: Cruzeiro Seixas (1920-2020), Eduardo Nery (1938-2013) e José de Guimarães (1939-), tomando em consideração os contextos e as intenções, os modos de aquisição e os critérios orientadores, de modo a apreender similitudes e diversidades, não apenas circunstanciais, mas estético-antropológicas em que se reflitam a problemática contemporânea do que significa ser arte e a questão atual da restituição. Perspetivando as três coleções no horizonte largo da presença de África na estética ocidental do século XX, mas também no período histórico-político posterior a 1950, marcado pelo colonialismo, revoltas, descolonização, europeísmo e globalização da cultura visual em Portugal, as três coleções foram reunidas em circunstâncias muito diversas – ou por aquisição direta, ou através de comerciantes locais, ou no mercado internacional, modos eles mesmos significativos da integração da “arte africana” no sistema de “produção cultural”. As coleções indiciam diferentes mas análogas experiências de uma alteridade subversiva, encontro deslumbrado, por vezes, alucinado ou obsessivo, sempre dramático, do “último continente surrealista” (Cesariny), de uma autêntica “civilização” em cuja arte se podem reconhecer os sinais de um autêntico “alfabeto” universal. Decerto a história mesma dessas coleções apaziguou e conformou a intensidade dessas experiências aos quadros “objetuais” do pensamento ocidental, mas permite colocar várias questões: como se repercutiram as temporalidades e espacialidades “africanas” na produção e nas posições estéticas de cada um desses artistas? Como Cruzeiro Seixas radicalizou em “África” a racionalidade “extra-cartesiana” do surrealismo? Em que sentido o rigor e o humor, a rítmica e a desconstrução da estética de Eduardo Nery se reconhecem nas “formas e energias” das peças da sua coleção africana? Perde-se na platitude do “alfabeto africano” de José Guimarães a singular intensidade das esculturas em que procurou encontrar esses sinais? Ou, ainda: que aspetos da história de África se revelam em cada uma destas coleções? Tem sentido a restituição de alguma das peças que a compõem? Qual o alcance para a historicidade cultural europeia?

12.00h

Reflexões pós-coloniais na coleção do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian: Antonio Ole, Grada Kilomba, Kiluanji Kia Henda e Mónica de Miranda.

Joana Passos (Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho-CEHUM)

Partindo de conceitos dos estudos pós-coloniais como revisão histórica, crítica do eurocentrismo, recuperação de memórias silenciadas e a afirmação da arte moderna de origem africana proponho uma abordagem crítica de uma série de trabalhos de António Ole, Grada Kilomba, Kiluanji Kia Henda e Mónica de Miranda – quatro artistas incluídos na coleção do CAM – com o objetivo de explicitar tendências estéticas da arte moderna que cruzam a ironia, a criatividade e o pensamento pós-colonial.

12.20h **Debate**

12.40h **Almoço** 🍴

14.00h **Mesa Redonda: Documentar coleções não europeias: abrir caminhos, agilizar rotas.**

Moderação: Maria de Fátima Nunes (IHC-UE/IN2PAST, TRANSMAT)

Nota biográfica: ver página 1.

Carlos Major

Christiana Martins (Expresso)

David Felismino (ICOM)

Marta Lourenço (MUHNAC)

Ricardo Roque (ICS-ULisboa)

15.30h **Debate**

16.00h **Pausa para café** ☕

16.20h **Provenance research and restitution/repatriation: the move forward?**

Keynote speaker: Marteen Coutenier

Moderação: Elisabete Pereira (IHC-UE / IN2PAST, TRANSMAT)

The discussion about restitution of ‘ethnographic’ objects and repatriation of ‘human remains’ has regained momentum in Belgium since the reopening of the Royal Museum for Central Africa in 2018 and increased press attention concerning violent ‘acquisitions’. The debate about removing and returning is however as old as Belgian colonization in Central Africa itself and can be dated back to the 1870s. Congolese and Belgian arguments in favor and against have also changed little over time. Meanwhile, the real results of these debates remain fairly limited. Whereas different efforts have been made to ‘restitute’ cultural objects or ‘reconstitute’ collections, these initiatives often had reverse effects or had little long-lasting outcomes. What causes these circular forms of acting and thinking and what can explain the predicaments to work in a real ‘contact zone’? I argue that certain stereotypes about ‘them’ and ‘us’, originated in colonial times, still haunt academic and political thinking. The resulting lack of true dialogue, combined with structural and financial inequalities, further slowdown and even prevent true collaborations. What can be done to move beyond these dead ends.

Notas biográficas

Ana Godinho Coelho (Museu Nacional de História Natural e da Ciência-ULisboa)

Licenciada em História, variante arqueologia, pós-graduação em museologia e mestrado em História da Arte. É atualmente curadora das coleções de arqueologia e etnografia do Museu Nacional de História Natural e da Ciência. Pertence ao núcleo de Jardins onde trabalha, sobretudo, as questões coloniais relativas ao património do Jardim Botânico Tropical; dedica-se ainda à investigação de proveniências das coleções recolhidas em contexto colonial.

Ana Margarida Ferreira (Museu Municipal Santos Rocha, TRANSMAT)

Conservadora de museus. Licenciada em História, variante Arqueologia, pela Universidade de Coimbra em 1989, prosseguiu os estudos de pós-graduação em Assuntos Culturais nas Autarquias da mesma Universidade. Em 1991, iniciou a carreira no Museu Municipal Santos Rocha. Em 1994/1995, foi bolseira no Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres, onde estudou conservação de materiais arqueológicos e etnográficos. Em 1997, obteve o grau de Mestre em Museologia e Património, pela Universidade Nova de Lisboa. De 1999 a 2011, fez sucessivas comissões de serviço no Instituto Português de Museus, como diretora do Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco), e como diretora do Museu de Aveiro. Em 2012 regressou ao Museu Santos Rocha, na Figueira da Foz.

Ana Paula Cardoso (Museu Municipal Santos Rocha, TRANSMAT)

Investigadora do projeto TRANSMAT-Materialidades Transnacionais (1850-1930): reconstituir coleções e conectar histórias (PTDC/FER-HFC/2793/2020), é licenciada em História, variante de História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1989). Integra a equipa do Museu Municipal Santos Rocha em 1991, assumindo as funções de Conservador de Museus em 1993, trabalhando fundamentalmente com as coleções artísticas e etnográficas da instituição. Com a criação, em 2003, do Núcleo Museológico do Mar, passou desde esse ano a coordenar não só a montagem deste novo espaço museológico, como também as suas atividades e projetos.

Ana Rita Amaral (Universidade de Utrecht, Países Baixos)

Investigadora de pós-doutoramento no Departamento de Filosofia e Estudos Religiosos da Universidade de Utrecht, Países Baixos. Faz parte da equipa do projeto Pressing Matter: Ownership, Value and the Question of Colonial Heritage in Museums, financiado pela Agenda de Investigação Neerlandesa (NWA). Doutorou-se em 2018 pelo ICS-U. Lisboa, tendo anteriormente trabalhado vários anos com as coleções etnográficas do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. O seu trabalho situa-se no cruzamento entre a antropologia, a história, os estudos da religião, da cultura material e dos museus, com especial enfoque em Angola.

António Candeias (UE-IN2PAST)

Licenciado em Química Tecnológica e Pós-graduado em Química aplicada ao Património Cultural pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, obteve o grau de Doutor e de Habilitação em Química pela Universidade de Évora. É especializado em Química de Superfície e Ciência do Património. Professor na Universidade de Évora desde 1992, foi diretor do Laboratório HERCULES desde a sua criação em 2009 até fevereiro de 2019. Presidente do Laboratório IN2PAST, dedicado ao estudo e intervenção nas áreas do património cultural, artes e políticas de memória, apoiado pelo desenvolvimento de uma carreira de investigação nestas áreas e parceiro privilegiado do Estado, organismos associativos, serviços e instalações e empresas privadas dedicadas ao património cultural, material e imaterial.

António Carvalho (DGPC-Museu Nacional de Arqueologia)

Diretor do Museu Nacional de Arqueologia desde 2012. Exerceu as funções de diretor do Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Cascais (2002-2012), foi chefe da divisão de Bibliotecas e Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais (1996- 2002) e responsável pela Biblioteca dos Condes de Castro Guimarães da Câmara Municipal de Cascais (1986-1996). É Licenciado em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e pós-graduado (Curso de Especialização em Ciências Documentais) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Frequentou o a componente curricular do Mestrado em Cultura e Formação Autárquica, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Ariadna Ruiz (Universidade de Málaga, Espanha)

Doutorada em História da Arte pela Universidade Complutense de Madrid, onde fez a sua investigação em museologia e ensinou. Atualmente é professora e investigadora pós-doutorada com um contrato de Juan de la Cierva na Universidade de Málaga. É licenciada em História da Arte e Estudos da Ásia Oriental. Especializada em museologia, com experiência em gestão cultural em feiras de arte espanholas, portuguesas e brasileiras, bem como em curadoria de exposições. Também trabalhou na Direção Geral de Belas Artes e na Subdireção Geral de Promoção da Cultura Estrangeira do Ministério da Cultura espanhol. Atualmente é membro do Grupo de SU+MA [Universidade mais Museu] da Complutense, do Projeto de Investigação Desnortadas. Territorios del género en la creación artística contemporánea de Málaga e o Projeto TRANSMAT-Materialidades Transnacionais (1850-1930) da Universidade de Évora e da Nova de Lisboa.

Carla Coimbra Alves (Museu da Ciência da Universidade de Coimbra)

Licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1998). Tem duas pósgraduações: uma em Gestão de Museus e Pinacotecas, pela Università Internazionale dell'Arte (UIA), Florença (1999), e outra em Gestão e Empreendedorismo Cultural e Criativo, ISCTE Business School, Lisboa (2010). Desde 2000, exerce a sua atividade nos domínios da gestão de coleções museológicas e gestão cultural. Integrou a equipa de importantes projetos culturais de grande relevo nacional e internacional: Museu dos Transportes e Comunicações até 2006 (Alfândega do Porto), ano em que passou a integrar o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. Assume, desde 2016, funções de conservadora da Coleção Antropológica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

Carlos Eduardo Ferreira Batista (Museu Municipal Santos Rocha, TRANSMAT)

Licenciado em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tem participado em trabalhos arqueológicos desde 1999 (Porto, Murça, Dublin, County Meath, Figueira da Foz). Foi assistente de museografia entre 2001 e 2007 no Museu de História Natural da Universidade do Porto, na secção de Antropologia e Arqueologia Dr. Mendes Corrêa. Ingressa em 2018 na equipa técnica do Museu Municipal Santos Rocha, onde exerceu funções de técnico de museografia e arqueólogo. Desde fevereiro de 2023 que faz parte da equipa técnica do Arquivo Fotográfico do Município da Figueira da Foz. Para além dos trabalhos técnicos na área da arqueologia e museografia, dedica-se também à etnomusicologia portuguesa e ao estudo de processos fotográficos oitocentistas. Principais áreas de interesse: Museus, Fotografia, Pré-história, imagem na ciência e etnomusicologia.

Carlos Major (Museu do Namibe, Angola)

Nascido em 1967, Moçâmedes, Namibe, Angola. Artista conceptual, curador, investigador de Arte Funerária Mbali no Sul de Angola. Opera no sector arte contemporânea em Angola. Académico 1995 II Ano Estudo Superior Linguístico Pedagógico Língua Inglesa, Lubango ISCED. 1990 Estudo linguístico Pedagógico Médio Língua Portuguesa, Lubango. 2001 Diploma Europeu: Vestuário, Costume e Design Contemporâneo, Instituto Ruzza, Padova, Itália. Relevantes 2022 setembro SOBRE OS MUSEUS AFRICANOS, palestrante conferência ministério relações exteriores da Alemanha, de Angola e Goethe Institut, Luanda. 2020 SOBRE COLONIZAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO – ARTE MBALI, Museu Humboldt Berlin, Alemanha. 2014 MUSSUNGO BITOTO - ARTE MBALI Museu Provincial Namibe. 2013 1o Pavilhão Angola, Bienal Veneza Artes Visuais, Veneza, Itália. 2012 1o Pavilhão Angola, Bienal Veneza Arquitetura, Itália. 2007 Coordenador do Pavilhão África, Bienal Veneza Artes Visuais, Itália. 2005 / 2009 Coordenador Fundação Sindika Dokolo.

Catarina Madruga (Museum für Naturkunde Berlin / Deutsches Zentrum Kulturgutverluste)

Historiadora de coleções zoológicas e epistemologias coloniais. Investigadora no projeto “Koloniale Provenienzen der Natur. Der Ausbau der Säugetiersammlung der Museum für Naturkunde Berlin, 1900” (2020-2023), com experiência prévia em curadoria de coleções históricas, desenho de exposições e educação informal em museus. A tese de doutoramento em história e filosofia das ciências, “Taxonomy and Empire. Zoogeographical research on Portuguese Africa (1862-1881)” recebeu o prémio “Ciências ID” da FCUL. Com Deborah Dubald (Universidade de Strasbourg), co-editou em 2022 o número especial do Journal for the History of Knowledge, “Situated Nature: Field Collecting and Local Knowledge in the Nineteenth Century.”

Catarina Mateus (Museu Nacional de História Natural e da Ciência -ULisboa)

Mestre em Conservação Preventiva pela Universidade de Northumbria, tem formação superior em conservação e restauro pelo Instituto Politécnico de Tomar e pós-graduação em fotografia pelo IADE. Iniciou o seu percurso profissional como conservadora- restauradora de fotografia em 1996 na LUPA, trabalhando com coleções fotográficas de diversas instituições públicas e privadas portuguesas. A coleção de fotografia do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) tem sido a sua prioridade desde 2005. Desde 2021, assume as funções de técnica superior em conservação e restauro e curadora das coleções de fotografia do MUHNAC e IICT.

Catarina Simões (CHAM-FCSH-UNL)

Doutorada em História pela Universidade Nova de Lisboa, com uma tese sobre animais extraeuropeus na corte portuguesa nos séculos XV e XVI. É investigadora do CHAM, Centro de Humanidades, e foi bolsista de investigação no Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa entre 2017 e 2023. A sua investigação centra-se na propaganda e na produção de conhecimento sobre a natureza extraeuropeia em contexto imperial.

Christiana Martins (Expresso)

Nasceu no Rio de Janeiro, Brasil e vive em Portugal há 32 anos. Jornalista do Expresso desde o ano 2000, depois de cinco anos como redatora do jornal Público, licenciada e com mestrado em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Fez especializações em jornalismo nas universidades de Boston (EUA), com uma bolsa da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, e na Universidade da Carolina do Sul. Recebeu prémios por textos seus nas áreas de Economia, Saúde e Sociedade (sobre discriminação racial e religião). Autora de dois livros - *30 Anos de Jornalismo Económico em Portugal* e *Para Além das Cinzas - Portugal Seguro*.

Cristiana Bastos (ICS-ULisboa)

(PhD CUNY 1996) é antropóloga e o seu trabalho interseja as disciplinas de antropologia, história e estudos sociais de ciência, tecnologia e medicina. É investigadora do quadro do Instituto de Ciências Sociais. Ensina e ensinou regularmente na Universidades de Lisboa, Coimbra, ISCTE, Brown, Universidade de Massachusetts, UNICAMP, UERJ, e deu seminários no Museu Nacional-UFRJ, FIOCRUZ, UFSC, UnB, Yale, Chicago, Oxford, JNU, U Eduardo Mondlane, entre outras. Em projetos anteriores investigou dinâmicas de população, mobilidades transnacionais, biopolíticas coloniais, medicina e império, história social da saúde e bem-estar, com pesquisa de campo e arquivo em Portugal, Brasil, Estados Unidos, Índia e Moçambique. Atualmente coordena o projeto The Colour of Labour (ERC AdG 695573), onde está diretamente envolvida nas linhas de pesquisa sobre a Guiana, Havai, Nova Inglaterra e Angola. Publicou amplamente resultados de pesquisa nas revistas Medical Anthropology, Anthropology & Medicine, History and Anthropology, Social Analysis, Bulletin of the History of Medicine, International Migration, Journal of Southern African Studies, Identities, Análise Social, Etnográfica, Horizontes Antropológicos, e numa variedade de volumes coletivos e monografias.

Cristina Rufino (Museu da Ciência da Universidade de Coimbra)

Conservadora das Coleções de Zoologia do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, sendo responsável pela gestão destas coleções, desenvolvendo trabalhos de inventariação, registo fotográfico, recolha de informação sobre espécies e pesquisa documental sobre os espécimes. Licenciada em Biologia e Mestre em Ecologia, é, atualmente, aluna de doutoramento em Património Cultural e Museologia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

David Felismino (ICOM)

Nota biográfica: Licenciado em História – Ramo científico e pós-graduado em História Moderna pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É ainda Pós-Graduado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura, na variante Património e Projetos Culturais pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Desempenhou funções como investigador e curador no Instituto de Ciências Sociais, na Casa Fronteira e Alorna, no Museu Geológico, no Museu Nacional de História Natural e da Ciência e no Museu da Saúde, tendo sido responsável pelo desenho do projeto museológico deste último. Desde 2020, é Diretor-adjunto e Coordenador do Serviço Educativo do Museu de Lisboa (EGEAC). É atualmente Presidente do ICOM Portugal (2023-2026), tendo sido Secretário na direção anterior (2020-2023). Autor de vários livros, catálogos, artigos e comissário de várias exposições, os seus principais domínios científicos e interesses versam sobre os museus e a história das coleções e a mediação cultural.

Elisabete Pereira (IHC-HCTA| UE-TRANSMAT)

Investigadora Principal do Projeto TRANSMAT, Transnational materialities (1850-1930): reconstituting collections and connecting histories (PTDC/FER-HFC/2793/2020), integra o grupo de investigação História da Ciência da Tecnologia e do Ambiente no Instituto de História Contemporânea (FCSH – UNL/UE). Recebeu em 2023 uma *Fellowship* do *German Federal Foreign Office*, para participação no programa de intercâmbio internacional Europa-África, *TheMuseumsLab 2023*. Foi distinguida em 2019 pela *European Association of History Educators (EuroClio)* e *Evens Foundation* pela sua estratégia pedagógica inclusiva para alunos do ensino secundário (projeto “Sharing European Histories”). Publicou artigos e capítulos em revistas e editoras nacionais e internacionais. Integrou a equipa de coordenação da 2.ª edição revista e aumentada do Dicionário “Quem é Quem na Museologia Portuguesa”. É doutorada em História e Filosofia da Ciência com especialização em Museologia (2017).

Joana d’Oliva Monteiro (IHA-NOVA FCSH/IN2PAST, TRANSMAT)

Investigadora integrada do Instituto de História da Arte (IHA) da NOVA FCSH – Grupo de investigação Museum Studies (MuSt). Licenciada em História da Arte e Património pela FLUL (2006); Mestre em Museologia pela NOVA FCSH, com a dissertação “A Galeria de Exposições Temporárias do Mosteiro de Alcobaça-Reflexões e Contributos na Óptica do Discurso Expositivo” (2010), distinguida pela APOM com o Prémio de Melhor Estudo sobre Museologia (2011); Doutora em História da Arte, especialização Museologia e Património Artístico, pela mesma Universidade, na qualidade de bolseira de investigação da FCT, com a tese “Um Modelo Operativo de Avaliação de Exposições. Estudo de Caso: Museu Nacional de Arte Antiga” (2017). Tem desenvolvido trabalhos de investigação nos domínios da História da Arte, da História dos Museus, da Museologia e do Colecionismo, participado em projetos, organizado eventos científicos e publicado artigos em contexto nacional e internacional. Desde 2006 que colabora com diversas instituições culturais públicas e privadas.

Joana Passos (Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho-CEHUM)

Investigadora no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. É docente no Programa Doutoral em Modernidades Comparadas e foi membro dos projetos de investigação WOMANART (Universidade do Minho), NILUS (CesA, Universidade de Lisboa), PENSANDO GOA (Universidade de S. Paulo) e PRÉMIOS LITERÁRIOS (Universidade do Minho, Fundação Calouste Gulbenkian). Publicou um livro sobre Goa e co-editou vários livros sobre estudos pós-coloniais e estudos de género em Portugal, contribuindo para o desenvolvimento e consolidação dessas áreas de estudo. Publicou mais de 50 artigos em português ou inglês, várias entrevistas com escritores, e várias traduções de textos académicos de autores como Rosi Braidotti, Edward Said e Amitav Ghosh. Os seus interesses de investigação combinam género e estudos pós-coloniais, tendo desenvolvido investigação sobre literaturas africanas, indiana e goesa, de língua portuguesa e de língua inglesa. Também trabalha em estudos comparatistas, teoria literária e artes visuais.

Grupo de Investigação em Género, Artes & Estudos Pós-Coloniais (GAPS)

Projeto WomanArt <http://ceh.ilch.uminho.pt/womanart/>

Jorge Croce Rivera (CHAIA | UE-IN2PAST, TRANSMAT)

Investigador do Projeto TRANSMAT. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia (Lisboa) da Universidade Católica Portuguesa (1983) e mestre em Filosofia em Portugal pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa (1990); doutorado em Filosofia pela Universidade dos Açores (1999), é atualmente docente do Departamento de Filosofia da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora. Os seus interesses têm sido sobretudo teóricos, no âmbito da Ontologia, da Epistemologia e da Filosofia da Ciência, dirigidos sobretudo aos problemas da verdade, da historicidade e da temporalidade, mas alargam-se a diversos aspetos da vivência do espaço, seja no Teatro, na Arquitetura e na Paisagem.

José Luís Cardoso (ICS-ULisboa e Academia das Ciências de Lisboa)

Investigador coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e exerce atualmente o cargo de Presidente da Academia das Ciências de Lisboa. É autor de várias obras sobre história do pensamento económico, com especial incidência no estudo do caso português em perspetiva comparada. Os seus ensaios históricos cruzam perspetivas interdisciplinares da economia, sociologia e ciência política, com interesses de pesquisa que alargam aos domínios da história económica e história da ciência. A lista completa das suas publicações está disponível em: <https://www.ics.ulisboa.pt/pessoa/jose-luis-cardoso>

Liliana Caldeira (IHC-UE / IN2PAST, Bolseira FCT, TRANSMAT)

Bolseira de investigação FCT do projeto TRANSMAT-Materialidades Transnacionais (1850-1930): reconstituir coleções e conectar histórias (PTDC/FER-HFC/2793/2020), frequenta o mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, Especialização em Património Artístico e História de Arte, na Universidade de Évora (2019-2021). É licenciada em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2019). Integrou a direção do N. HIST – Núcleo de Estudantes de História da FCSH (2018/2019). Participou no Projeto de Investigação sobre o Convento de São José, promovido pelo Arquivo Municipal de Lagoa (2018) e integrou o Projeto de Salvaguarda do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lagoa (2020).

Maarten Couttenier (África Museum, Bélgica)

Is a historian and anthropologists and in currently based at the history section of the Royal Museum of Central Africa in Tervuren (Belgium). He is specialized in the history of colonial museums, the history of science and the history of Belgian colonization in general. He was the co- curator of the Human Zoo exhibition in the AfricaMuseum (2021-2022) and the promotor of the HOME - project concerning the possible repatriation of colonial human remains (2020-2023).

<https://www.africamuseum.be/en/research/discover/news/home1>

<https://expohumanzoo.africamuseum.be/en/home>

Manuela Cantinho (Sociedade de Geografia de Lisboa)

Doutorada em Antropologia Social (ISCTE). Diretora do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL). Investigadora do Centro de História da Faculdade de Letras-Univ. Lisboa. Coorientadora de Estágios em Estudos Africanos (FLUL) e Antropologia (ISCTE) no Museu da SGL.

Investigação: História dos acervos etnográficos extraocidentais existentes em museus portugueses; as coleções coloniais e a construção de um imaginário ultramarino e científico.

Bibliografia: O Museu Etnográfico da Sociedade de Geografia de Lisboa: modernidade, colonização e alteridade, FCT/FCG, Lisboa, 2005; Memórias de um Explorador: a coleção Henrique de Carvalho da SGL, SGL, Lisboa, 2012.

Maria de Fátima Nunes (IHC-HCTA| UE-TRANSMAT)

Co-investigadora Principal do Projeto TRANSMAT, Transnational materialities (1850-1930): reconstituting collections and connecting histories (PTDC/FER-HFC/2793/2020), é professora Catedrática de História da Universidade de Évora. Investigadora integrada e vice-presidente do Instituto de História Contemporânea, onde coordena o grupo História da Ciência da Tecnologia e do Ambiente, da Universidade de Évora. Foi coordenadora da rede História & Ciência – HETSCI na NOVA FCSH. É diretora científica do Programa de Doutoramento em História e Filosofia da Ciência / Museologia, da Universidade de Évora.

Maria Figueira (IHC-UE/IN2PAST, Bolseira FCT, TRANSMAT)

Bolseira de investigação FCT do projeto TRANSMAT-Materialidades Transnacionais (1850-1930): reconstituir coleções e conectar histórias (PTDC/FER-HFC/2793/2020). Licenciada em Antropologia pela Universidade de Coimbra, tem um curso em Museologia e Documentário, e está a terminar o mestrado em Antropologia-Culturas Visuais na Universidade Nova de Lisboa. Enquanto bolseira de investigação do projeto TRANSMAT no Museu Municipal Santos Rocha, estuda a coleção de objetos etnográficos deste museu. Neste contexto está a descobrir o interesse pela investigação em temas de museologia, nomeadamente em perceber como a ecologia de relações entre a história e a memória dos museus se expressa na construção das suas narrativas expositivas e como figuram e são re-significados os objetos etnográficos nestes lugares.

Maria Manuela Gonçalves Silva (Museu Municipal Santos Rocha)

Desempenha desde agosto de 2022 o cargo de chefe de serviço do Museu Municipal Santos Rocha e respetivos Núcleos. Licenciada em História, Variante de História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1997) e pós-graduada em Museologia-via Especialização, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2006-2008). Coordenou o projeto de criação do Núcleo de Arte Contemporânea Laranjeira Santos. Na área do património cultural, foi corresponsável pela elaboração da Carta Municipal do Património Cultural Edificado do concelho da Figueira da Foz, elaborada entre 2016-2017.

Marta Lourenço (Museu Nacional de História Natural e da Ciência/CIUHCT/PRISC-ULisboa)

Diretora do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa. Possui formação de base em Física, Mestrado em Museologia e Doutoramento em Museologia e História da Técnica. Tem obra publicada nos domínios do património cultural das universidades, património científico e história dos museus e coleções científicas, que são igualmente os seus domínios preferenciais de orientação de alunos e de projetos de investigação nacionais e internacionais. Coordenou o levantamento do património cultural da Universidade de Lisboa em 2010-2011 e em 2015-2016, ambos publicados. É coordenadora nacional do PRISC (Portuguese Research Infrastructure of Scientific Collections), integrado no roteiro português de infraestruturas estratégicas de investigação. Foi Presidente do Comité Internacional do ICOM para os Museus e Coleções Universitárias (UMAC) entre 2016 e 2022.

Nélia Dias (ISCTE / IN2PAST)

Professora Associada no Departamento de Antropologia (Iscte-Instituto Universitário de Lisboa | CRIA), Nélia Dias tem trabalhado sobre coleções de etnografia e de antropologia biológica, património cultural, história da antropologia e práticas epistémicas. É autora de *Le Musée d'Ethnographie du Trocadéro: Anthropologie et Muséologie en France* (CNRS, 1991), *La Mesure des Sens. Les anthropologues et le corps humain au XIXe siècle* (Flammarion, 2004) e co-editou *Endangerment, Diversity and Culture* (Routledge, 2015), *Collecting, Ordering, Governing* (Duke University Press, 2016) e *Critical Heritage Studies and the Futures of Europe* (UCL Press, 2023); publicou artigos em *History and Anthropology*, *Museum & Society*, *Nuncius*, *Museum Worlds*, *Social Anthropology*, *French Culture and Society* e *L'Homme*.

Patrícia Santos Batista (DGPC, Museu Nacional de Arqueologia, TRANSMAT)

Licenciada em História-Ramo Educacional, pela Universidade de Coimbra (em 2002), iniciou a sua carreira profissional como Professora de História. A sua paixão pela educação traduziu-se numa busca pelo conhecimento, em áreas afins com a sua área inicial de formação. Em 2004 concluiu a Pós-Graduação em Arqueologia e Património, pela Universidade Nova. Em 2007 concluiu a especialização em Museus e Educação, na Universidade de Évora, onde viria a frequentar e concluir o Mestrado em Museologia. As experiências profissionais como professora e a partir de 31 de janeiro de 2005 como técnica superior, numa autarquia, mais concretamente no Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira, consolidou o interesse pela educação patrimonial e pela mediação cultural em espaços de educação não formal. Após uma experiência de coordenação na área da criação artística contemporânea, na Câmara Municipal de Loulé (2015-2018), integrou a equipa do Museu Nacional de Arqueologia, onde é atualmente coordenadora do Serviço de Inventário e Coleções.

Paulo Costa (DGPC-Museu Nacional de Etnologia)

Diretor do Museu Nacional de Etnologia / Museu de Arte Popular desde 2015. Tendo iniciado a sua experiência como antropólogo entre 1989 e 1991, no âmbito de pesquisa etnográfica para a Câmara Municipal do Cadaval, trabalhou no Museu Nacional de Etnologia entre 1993 e 2001, foi Diretor de Serviços de Inventário do Instituto Português de Museus (2002-2007), Diretor do Departamento de Património Imaterial do Instituto dos Museus e da Conservação (2007-2012) e Chefe da Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial da Direção-Geral do Património Cultural (2012-2014).

Paulo Renato Trincão (Museu da Ciência da Universidade de Coimbra)

1982 – Licenciatura em Geologia pela Universidade de Coimbra.

1982-1985 – Assistente na área de Paleontologia, Universidade de Coimbra.

1985-1990 – Assistente na área de Paleontologia, Universidade de Aveiro.

1990 – Doutoramento em Estratigrafia e Paleobiologia, Universidade Nova de Lisboa.

1990-... – Professor Auxiliar, Universidade de Aveiro.

2012 – Agregação em Biologia, Universidade de Aveiro.

2012 – 2020 – Investigador coordenador convidado da Faculdade de Ciências e Tecnologia da universidade de Coimbra.

2021-... – Diretor do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

2001 – Comissário da exposição “Fotógrafos da Vida Selvagem, ano 2000”, Colégio das Artes; Instituto de História da Ciência e da Técnica/Museu Nacional da Ciência e da Técnica, em Coimbra (19 de novembro a 30 de dezembro).

2005 – Comissário da exposição “Fotógrafos da Vida Selvagem, ano 2004. Fábrica Centro de Ciência Viva de Aveiro (abril a junho).

2002 – Comissário da exposição “Mário Augusto Silva: uma fotobiografia” Palácio de Sacadura Botte; Instituto de História da Ciência e da Técnica/Museu Nacional da Ciência e da Técnica, em Coimbra (22 de novembro de 2001 a 30 março de 2002).

2002 – Comissário da exposição “O Ouvido e o Estranhos Objectos Sonoros”, Colégio das Artes; Instituto de História da Ciência e da Técnica/Museu Nacional da Ciência e da Técnica, Coimbra (18 de fevereiro a 30 de junho).

2002 – Participação na exposição “Engenho e Obra: a Engenharia em Portugal no Século XX”, juntamente com Manuel Heitor, José M. Brandão de Brito, Maria Fernanda Rollo, José Pessoa, Henrique Cayatte. Cordoaria Nacional, Lisboa. (1.º trimestre de 2003).

2003-2005 – Consultor da Agência Nacional Ciência Viva para a criação de novos centros de ciência.

2003 – Coordenador da programação de Ciência de Coimbra Capital Nacional da Cultura.

2003 – Comissário da exposição “Os Genes e a Alimentação”, Convento de S. Francisco, Coimbra. Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, (26 de setembro a 18 de dezembro).

2003-2006 – Membro da Comissão de Acompanhamento e de Peritos do Sistema de Avaliação Externa do Programa Aveiro Digital

2004-2009 – Diretor da Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.

2004-2006 – Professor do Mestrado em Comunicação e Ensino de Ciências, Universidade de Aveiro

2006 – Coordenador da Academia de Artes Digitais de Aveiro. Programa Aveiro Digital.

2008 – “O Mais ou o menos”: Espaços urbanos para a cultura. “Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro”, Paulo Trincão –Casa de Serralves, Porto, (7-8 de junho).

2013-2015 – Diretor do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra.
2015 – Presidente do Exploratório, Centro Ciência Viva de Coimbra.
2019 – Diretor Adjunto do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.
2021 – Diretor do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

paulo.trincao@exploratorio.pt
paulo.trincao@uc.pt

Quintino Lopes (IHC-UE / IN2PAST, TRANSMAT)

Investigador integrado contratado do Instituto de História Contemporânea (IHC-FCSH/NOVA-CEH-FCi-UE). Concluiu o doutoramento em História e Filosofia da Ciência na Universidade de Évora em 2017 (bolsa FCT ref. SFRH/BD/78509/2011). Os seus interesses centram-se na História Contemporânea; Políticas e práticas científicas; Centros e periferias científicas; Perspetivas comparativas e transnacionais; Estado Novo.

Raquel Vilaça (Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAA-CP-FCT)

Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde tem feito toda a sua carreira académica em regime de exclusividade. Exerce funções docentes e de orientação nos cursos de Arqueologia (1.º, 2.º e 3.º ciclos), em especial no âmbito da Pré e Proto-história, áreas nas quais se especializou. A sua atividade de investigação percorre ainda, entre outras, temáticas como a Arqueologia dos Lugares Naturais, Processos Culturais e Materialidades da Morte, Tecnologia e Metalurgia Arcaicas, Arqueometria, domínios onde tem publicados livros e artigos. Membro do Instituto de Arqueologia, de que foi diretora, assim como da sua revista *Conímbriga*, é ainda investigadora do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Assumiu diversos cargos de gestão na sua Faculdade, sendo atualmente membro eleito do Conselho Científico da FLUC.

Ricardo Roque (ICS-ULisboa)

Historiador e antropólogo social, é investigador no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, onde coordena atualmente o Grupo de Investigação ‘Impérios, Colonialismo e Sociedades Pós-coloniais’. A história e a etnografia de arquivos e coleções coloniais, e a história da ciência racial e do imperialismo global, constituem orientações centrais à sua investigação. É autor de *Antropologia e Império* (ICS, 2001) e *Headhunting and Colonialism* (Palgrave, 2010). É organizador ou co-organizador de vários livros, entre os quais *Engaging Colonial Knowledge* (Palgrave, 2012); *Luso-tropicalism and Its Discontents* (Berghahn, 2019); e, mais recentemente, *Timor Etnográfico* (ICS, 2022) e *Imagined Racial Laboratories* (Brill, 2023).

Rita Gaspar (Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto)

Curadora das coleções de Arqueologia, Etnografia e Antropologia Biológica do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto. Nos últimos oito anos desenvolveu uma reestruturação dessas secções, potenciando um acesso direto a objetos e personalidades envolvidas na constituição dos acervos do museu. Também se interessa pelo desenvolvimento de estratégias de mediação entre a universidade, enquanto geradora de conhecimento, e o público. Enquanto arqueóloga foi responsável por diversas intervenções de campo com o objetivo de caracterizar comunidades pré-históricas em todo o território português. Coordenou diversas equipas e publicou artigos relevantes em revistas nacionais e internacionais.

Sara Albuquerque (IHC-UE / IN2PAST)

Investigadora em História da Ciência (Instituto de História Contemporânea | Universidade de Évora | IN2PAST). É IR do Projeto **KNOW.AFRICA**: Redes de conhecimento na África Oitocentista: uma abordagem das Humanidades Digitais dos encontros coloniais e do conhecimento local nas narrativas de expedições portuguesas (1853-1888) (ref. FCT - 2022.01599.PTDC) e IR do **W.Box.Project**: A caixa de Ward como objeto pedagógico na divulgação da História da Ciência (IN2PAST). Trabalhou anteriormente como investigadora de pós-doutoramento na mesma unidade de investigação (2014-2019), no Museu de História Natural de Londres (2013) e no Royal Botanic Gardens, Kew (2007-2012). Obteve o “Collaborative Doctoral Award” e concluiu seu doutoramento em História da Ciência no Birkbeck College, University of London (2013). É “Honorary Research Associate” (RBG, Kew) e membro da Linnean Society of London. Recentemente, publicou o livro infantil “Frederico e a planta maravilhosa” (Caminho das Palavras Editora) com Ricardo Roque que se encontra na 2.ª edição e faz parte do Plano Nacional de Leitura.











Evento financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto TRANSMAT (PTDC/FER-HFC/2793/2020).
O IHC é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/04209/2020 e UIDP/04209/2020.